

*Dulce*  
*102 anos*

**Uma centenária  
de bem com a vida!**

*Obrigada pela presença!*



Existem oportunidades que são ímpares em nossa  
trajetória de vida....

Como esta experiência profissional onde, mais uma  
vez, tive a sensação de estar em um futuro que não  
me pertence....

olhando um passado que não é meu...

E ter a enorme chance de, no momento presente,  
reavaliar meus dias, minhas opções....

na tentativa de mudar rotas e decisões equivocadas!

No exemplo dos mais experientes, teremos a  
possibilidade de um futuro mais tranquilo e uma  
longevidade com qualidade de vida...

....como D. Dulce: um exemplo para todos nós!!!!

Eterna gratidão em ser a co-autora da transcrição de  
sua linda história de vida...

A centenária mais feliz que já entrevistei, neste bate-  
papo, deliciosamente informal!!!

Que Deus a abençoe grandiosamente, Dulce...

E que, saúde e paz em seu coração, estejam sempre  
presentes, dia após dia!!!

Com muita emoção e eterno carinho,

Élide Soul





Nasci em 1914. Sou filha de um casal de brasileiros, protestantes, que estudaram no Mackenzie: meu pai Engenheiro e minha mãe, Professora. Após formação em Engenharia, ele trabalhou muito tempo em Estradas de Ferro, onde puderam viajar muito pelo Brasil: Minas, Paraná, Goiás. Meus pais tiveram oito filhos, mas crescemos em sete. Minha irmã mais velha nasceu em São Paulo, era formada em Engenharia e faleceu em 2014, com 102 anos; a segunda nasceu em Oliveira, Minas Gerais; eu nasci em Belo Horizonte, mas logo em seguida fui para uma cidade perto de Goiás. Sempre tive muita saúde e minha família também; não tivemos ninguém com Alzheimer. E assim era com a família de minha mãe, de Descalvado, no interior de São Paulo: uma família enorme, mas todos muito saudáveis.

A única época em que me lembro ter tido um problema mais sério foi em meados de 1918, quando eu tinha quatro anos: estávamos em São Paulo, e claro que tínhamos muito receio da epidemia de Gripe Espanhola. Foi naquele momento que perdi minha primeira irmã, mas com Tifo. Ela faleceu no mesmo quarto que eu. Então, o médico que assinou o óbito, resolveu me mandar para o isolamento.

Meu pai estava viajando; quando ele chegou, a minha irmã já havia falecido e o cemitério do Araçá já havia fechado. Lembro que fui para a casa de uma tia, na zona Leste de São Paulo; eu não havia contraído a gripe, mas estava com Escarlatina. Viajávamos bastante; eu diria que tínhamos uma vida bem tumultuada. Mas sempre voltávamos para Botucatu, onde meu avô morava. Aliás, meu avô teve uma história bem interessante: ele era português; veio para cá ainda menino, com um patrício que estava vindo para o Brasil; o pai dele quem mandou. Ele foi deixado no Rio de Janeiro, em uma loja do tal português e ele dormiu embaixo do balcão. Lá ele encontrou uma bíblia, e se interessou muito pelo conteúdo. E não é que mais tarde tornou-se um Pastor evangélico?!? Minha avó era descendente de índios do Sul e juntos, fizeram a tradução de um dicionário da Bíblia. Não sei como aprendeu; mas ela dominava o inglês. Talvez eu tenha herdado dela a facilidade em aprender idiomas: dominava o inglês e o francês e isso contribuiu em muitos para as muitas viagens que pude fazer, mundo afora, na companhia do meu marido. Sempre fui muito comunicativa, muito diferente de minha irmã mais velha que era muito fechada.

Aliás, quando éramos pequenas e íamos à igreja, meu pai sempre preferia a companhia de minha irmã, pois eu não tinha sossego. Aliás, eu me sinto bem em qualquer igreja; acho os ambientes bem gostosos e respeito todas. Tem vezes que entro nas igrejas só para sentir aquela paz. Mas a minha ligação é direta com Deus e sempre tive muitas facilidades em tudo. E através desta minha facilidade na comunicação, tive algumas oportunidades como, por exemplo, ser escolhida aos sete anos, para dançar um Minueto no Teatro Municipal. Eu fazia aula na escola Caetano de Campos, onde hoje é a Secretaria de Educação, na Praça da República. Era o Centenário da Independência e eu fui escolhida. Jamais vou esquecer a felicidade que senti naquele momento. Eu aproveitava cada minuto da minha infância: adorava pular corda. E fui eu quem ensinou a minha bisneta mais velha a pular corda. Não que eu tenha pulado corda com ela; mas mostrei como é que fazia. Mas também me lembro que era muito chorona; tive minha primeira desilusão com o marido e chorava e chorava. E quando pequena, lembro que perguntava para a minha mãe: “Posso chorar?” E ela dizia: “Pode!” Então colocava a minha cadeirinha em algum lugar e chorava. Até nisso eu fui controlada.

E a longevidade sempre foi uma característica da nossa família, com exceção do meu pai que faleceu em um acidente de carro, no Rio Grande do Sul. Já minha mãe, faleceu com 91 anos e totalmente lúcida!! Quando eu tinha em torno de 12 anos, viemos para São Paulo. Foi então que fiz o curso de professora na Escola Americana. Mas eu jamais gostei de ficar parada: cursava inglês e jogava bola ao cesto. Eu tive uma vida muito alegre; acredito que seja porque naquela época nós tínhamos muitas atividades. E, nas instalações do Mackenzi, onde cursei o Normal, eu estava com muita freqüência; mas não cheguei a lecionar lá. O Mackenzi me indicou para uma escola menor e mais simples e lá atuei durante uns quatro anos. Depois, atuei na Secretaria de Ação e Obras Públicas até o nascimento de minha primeira filha, quando parei de atuar profissionalmente. Mas, por falar em filhos, foi na Revolução de 32 que eu conheci o meu marido. Eu era menor de 18 anos e trabalhava como voluntária na Copa do hospital ou na casa de um soldado da Revolução; e foi exatamente ali que o conheci. Ele partilhava dos mesmos princípios da minha educação. Era formado em Direito, Professor de Direito no Largo São Francisco. Fomos casados por 60 anos e tivemos uma vida muito calma e muito tranqüila.



Na época em que ele estava bem ativo em sua profissão, nós viajavamos praticamente todos os anos e o domínio do inglês e do francês contribuiu em muito. Quando eu comecei a namorar o meu marido, havia um livrinho que nós pedíamos para as pessoas escreverem frases; e eu tinha um destes. E ele escreveu: “Estrelas cadentes, pede o que quiseres e sê feliz no que pedires!” Ele escrevia muito bem. Era um homem muito sensível e muito educado. Eu tive esta felicidade: fui muito feliz, muito feliz mesmo e continuo sendo muito feliz! Dancei muito com o meu marido; ele dançava muito bem. Éramos um casal em boa situação e aproveitávamos mesmo. Fomos para a Austrália, Nova Zelândia, enfim, fizemos viagens muito boas! Quando estive na China, fiquei deslumbrada com o exército de Terracota, pois eu não conhecia nada a este respeito. Havia sido descoberto há pouco tempo. Já no Brasil, eu viajei pouco; ele foi diretor da Antártica. Então íamos para o Amazonas, Ceará; conheci Goiás inteira e Mato Grosso.

Tivemos duas filhas, uma Psicóloga e outra Advogada. Mas hoje a família cresceu: são cinco netos e oito bisnetos.

Todos moram em São Paulo com exceção de uma neta que reside na Espanha. Aliás, só um aparte: eu não aprendi a manusear o aparelho celular e o computador: celular, eu falo e pronto, mas não consegui aprender a usar o whatsapp. E vejo meu bisneto de quatro anos, manusear tais tecnologias, com muita facilidade. Vamos dizer que eu sinto falta de não ter aprendido a usar tudo isso. Mas é fantástico ver ao vivo, as pessoas que estão longe, através do celular, como pude ver a minha neta, que está na Espanha. Após o nascimento de minhas filhas, continuei a estudar Francês na Aliança Francesa e fazia muitos cursos de Artes. Fazia um tricot vez ou outra, mas sem compromisso. Confesso que nunca fui fanática por trabalho e não aprendi a cozinhar; talvez esta seria uma das coisas que mudaria, se pudesse voltar ao passado: eu ficava muito aflita quando percebia que ia perder a empregada. Mas graças à Deus eu nunca tive sérios problemas. Eventualmente, até fazia algumas sopinhas para as minhas filhas; mas eu sempre tive muita sorte em ter alguém que me ajudasse nos trabalhos domésticos. E meu marido não queria que eu me envolvesse nos trabalhos domésticos.

Lembro-me que houve um período em que minha irmã, que está aqui comigo hoje, veio passar uns dias em casa e me levou para a cozinha para fazer Papos de Anjo. Quando nós saímos da cozinha, ele disse a ela: “Você pode vir aqui quantas vezes quiser, mas não leve a Dulce para a cozinha!” Eu sou muito comodista e nunca tive obrigações; sempre tive boa vida. Mas uma das coisas que gostava muito era de dirigir: dirigi até os meus 80 anos, levando neto de lá pra cá e de cá pra lá; dirigi muito... muitos Fords!!! Tinha um (nem me lembro do ano), que tinha um freio de mão muito enjoado. Então eu o freava com o guarda-chuva; houve uma vez que tive que pedir auxílio para frear o carro, quando fui buscar meu neto na aula de inglês. Mas o trânsito foi piorando até o dia em que minha filha disse: “Você já dirigiu muito!” E eu respondi: “Já entendi!”

Mas quem apreciava muito os carros era o meu marido; chegou a comprar um Alpha Romeo, de tanto que apreciava. Mas quando ele faleceu, aos 91 anos, ele tinha um suco. Lembro-me que foi nossa última briguinha porque eu achava que não era necessário um carro daqueles. E ele nem chegou a dirigir o tal carro.

Então fiquei com o carro e o motorista que havia sido dele. Mas um dia, entrei no estacionamento do shopping e uma moça, ao ver o carro, me disse: “Quando for vender este carro, eu compro!” Pequei o telefone e levei para casa. Ao chegar lá, levei uma bronca de uma de minhas filhas: “Como você conversa com gente que nem conhece?!?” Dispensei o motorista que já estava ficando todo “nhe nhe nhe” e vendi o carro... fiz um negócio muito bom!! Antigamente eu gostava de comprar uma coisa ou outra, sem exageros. Mas agora não estou mais gastando; precisamos segurar um pouco. Graças a Deus está dando para viver bem. Eu gosto do belo mas não me acho muito vaidosa. Sempre digo que uma mulher precisa se preparar, se enfeitar para não ser desagradável. Mas eu nunca pensei em fazer plástica e nunca pinte o cabelo. Graças a Deus eu tive bons tratos e tenho sorte de ter uma boa vista, não é? Porque deve ser muito difícil não enxergar. Eu sou muito feliz! No dia do meu aniversário fiquei muito feliz ao ver quantas pessoas se aproximam. E ainda tenho minhas duas filhas, que me ajudam e eu obedeço!

Meu esposo faleceu com 91 anos, após ter sofrido várias isquemias e ter ficado três anos, em um U.T.I. montada em nossa residência.



E mais uma vez tive muita sorte pois eu tinha empregadas para me ajudar: eram seis enfermeiros se revezando e graças à Deus, podíamos manter. Quando eu perdi meu marido, eu fiquei quatro anos sozinha na casa. Mas depois, com a insistência das filhas, eu fui morar com a minha caçula; procurando sempre ser compreensiva. Naquela época, como ela mora pertinho do Shopping Higienópolis, eu saía para andar e sozinha; não gostava de dar trabalho. Até que um dia vi o letreiro da Geritron e resolvi experimentar. Tenho muitas pessoas que eu convivo e não gosto de ficar parada! Mas no momento em que ela achou que eu não poderia mais andar sozinha, em função da fratura e que necessitava de uma acompanhante, eu aceitei perfeitamente. E eu sou muito feliz: ambas são muito boas, muito inteligentes e se dão muito bem. Mas de maneira alguma pensei em me casar novamente; jamais achei que ele não era suficiente para a minha vida. Ele era um homem muito elegante, bonito, mais bonito do que eu; mas eu nunca tive ciúmes dele. Nos conhecemos na Revolução e sempre ficamos muito juntos; tudo era muito natural. Pena que para a vida das minhas filhas, isso não aconteceu: ambas são divorciadas.

Acredito que seja em função de terem tido um pai como referência. Casaram bem, mas não ficaram casadas o tempo todo, como nós dois. Após o falecimento do meu marido, não viajei muito mais; mas quando o fazia, preferia lugares mais próximos; não gosto de aeroportos. Minha irmã mora em Saquarema, um lugar muito gostoso. Mas eu não vou pra lá: se eu necessitar de algo, não tem os hospitais aos quais estou acostumada. Mas eu não sinto falta; eu já aceitei. Aliás, fico admirada com o progresso da Medicina; transplantes e outras coisas mais: isso me deixa muito feliz! Eu tive um tio, irmão do meu pai que foi médico. E meu avô veio de Portugal, quase analfabeto; minha avó aprendeu por conta e todos os filhos eram formados. O mais velho era pastor e conhecia o aramaico; o segundo, professor de Direito em Niterói; meu pai foi professor de Engenharia no Mackenzie e meu tio mais novo era comandante em navios. Na Guerra de 14 ele fez transporte de armas dos Estados Unidos para a Europa. Ele contava que deixava na Inglaterra e que de lá, enviavam para a Alemanha; a trapaça já vinha daquela época. Foi uma família que lutou pelo conhecimento.

Os homens e as mulheres precisam ter clareza.

Eu não cheguei a fazer curso superior mas sempre me interessava por várias coisas. É sempre muito bom nos expandirmos, lembrar das coisas.

Em relação às adversidades da vida, os jovens precisam não gastar tanta energia com coisas inúteis; nós não podemos impor regras, mas eles precisam de uma vida mais metódica, física e moralmente falando. Existem valores; isso que eles precisam entender.

Antigamente dávamos muito mais valor a tudo e todos!

E quer saber uma coisa que me aborrece?

É pensar que eles não sabem valorizar o que tem em mãos.

O que era muito bom na época da família grande é que nós aprendíamos a dividir; brinquedos, nós inventávamos. Claro que havia ciúmes. Mas tudo isso eram limites e era muito bom.

Quando eu me olho e dou conta de que estou com 102 anos, pra falar a verdade eu nem acredito.

Tudo bem que tenho muitas atividades e, se dependesse de mim, queria ter mais ainda!!!

Priorizo a quantidade de horas do meu sono e sempre que possível, vou muito ao Shopping, pois gosto muito de andar por lá.

Gosto muito de assistir a um bom filme, mas que tenha conteúdo e também aprecio uma boa leitura; leio jornal, sob a luz do sol, sem óculos. Aprecio escritores como Saramago, vários escritores portugueses; dispensei os romances mais bobos. Tudo bem que tive que fazer a cirurgia de catarata; mas este é um outro assunto. Eu realmente tenho uma saúde excepcional; não posso me queixar de nada!!! Naturalmente tenho as minhas restrições: tenho uma prótese de bacia que não me impede de andar. Eu não tenho grandes planos para o futuro, apenas continuar feliz com meus netos e bisnetos. Claro que a gente sempre proporciona alguma influência, na parte de educação, boas maneiras. Todos os meus netos são muito ativos, conseguindo muitas coisas e nenhum tem ou teve alguma seqüela; todos são saudáveis.

Eu acredito que, para chegar aos 102 anos, o importante é ter vida saudável: boa alimentação e sem vícios; sempre tive uma vida muito boa e é por isso que eu acho que cheguei nesta idade. Lembro-me que no período em que meu marido fumou, eu queimava cigarros: era chique fumar. Mas nunca fui viciada!



E sempre gostei de um bom vinho, de um champagne; no dia do meu aniversário eu tomei, pois gosto muito.

Como já dito, sou Protestante de formação, fui batizada nesta igreja; mas não sou de freqüentar com assiduidade. Posso até dizer que não tenho uma religião; mas faço minhas orações: tanto peço pelos meus netos, quanto peço pelo Brasil.

Acho que o céu é de todos e não me preocupo com o que vai ser no céu: tenho que viver aqui uma vida normal. Graças à Deus não estou preocupada com isso, com o que vai ser depois.

Eu não sou uma trabalhadora, mas o importante é ter uma vida útil, aqui.